

NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA A COMPREENSÃO DE “A MORTE
VOLUNTÁRIA”, DE F. NIETZSCHE

Affonso Henrique Vieira da Costa
UFRRJ

RESUMO: O texto ora proposto pretende, de maneira preliminar, ser uma introdução à leitura de “A morte voluntária”, de F. Nietzsche, presente em *Assim falou Zaratustra*, de maneira que, a partir daí, seja possível ir ao encontro do tema “Os filósofos e o medo da morte”.

Palavras-chave: homem; morte; história.

ABSTRACT: The proposed text intends, in a preliminary way, to be an introduction to the reading of "the voluntary death", by F. Nietzsche, present in *Thus spoke Zarathustra*, so that, from there, it is possible to grasp the idea of "philosophers and the fear of death"..

Keywords: mankind; death; history.

I

O tema que envolve o trabalho que segue é: “Os filósofos e o medo da morte”. Como, então, desde esse problema proposto, apresentar Nietzsche? Tomamos, inicialmente, como fio condutor, o filósofo italiano Gianni Vattimo e seu livro *Introdução a Nietzsche*, que sugere três posições principais para o estudo da obra do pensador: 1) Que ele é tomado como um filósofo e que está imerso na história do ser, até mesmo como o último metafísico. Trata-se da posição de Heidegger. 2) Que ele é tomado como um crítico da cultura, quando sua obra é apreendida até mesmo mais literariamente. Trata-se das primeiras leituras que foram feitas sobre o filósofo. 3) Que ele é tomado pela posição que encarna o filósofo no interior de uma filosofia da vida. Trata-se da posição de Dilthey, próxima da segunda posição, quando aproxima Nietzsche dos sofistas, que, segundo ele mesmo, substitui a demonstração metódica pela persuasão (VATTIMO, 1990, pp. 9-10).

O que Vattimo faz, é, de algum modo, unir estas vertentes, pensando Nietzsche como um filósofo, um filósofo do fim da metafísica e também se aproximar de seu estilo literário, marca deste processo final, que reúne, tal como acontece com Heidegger posteriormente, literatura e poesia. O que se presencia aí, então, é um vislumbre da impossibilidade de compreender a filosofia sistematicamente e a possibilidade de abertura para outra esfera de pensamento.

II

É o que começa a se dar com o jovem Nietzsche quando este, mesmo determinado ainda pela metafísica de Schopenhauer, toma uma posição agudíssima com relação à filologia, aproveitando-se desta para uma compreensão radical da formação do mundo grego, de sua cultura. Tal compreensão, que se fundará na tensão por ele descoberta entre o apolíneo e o dionisíaco, marcará decisivamente o seu pensamento, afastando-o cada vez mais de Schopenhauer e do próprio Wagner, constituindo um pensamento que vai ao encontro dos primórdios gregos alterando completamente os estudos que sobre os mesmos eram feitos até então. Com isso, os gregos encarnam a

COSTA, Affonso Henrique Vieira da
Notas introdutórias para a compreensão de “A morte voluntária”, de F. Nietzsche

exemplaridade no que se refere ao modo como constituíram a sua cultura e como ela por eles foi apropriada. Ouçamos esta passagem no início de *A visão dionisíaca do mundo*:

Os gregos, que nos seus deuses expressam e ao mesmo tempo calam a doutrina secreta de sua visão de mundo, estabeleceram como dupla fonte de sua arte duas atividades, Apolo e Dioniso. Esses nomes representam, no domínio da arte, oposições de estilo que quase sempre caminham emparelhadas em luta uma com a outra, e somente uma vez, no momento de florescimento da ‘Vontade’ helênica, aparecem fundidas na obra de arte da tragédia ática. O homem alcança em dois estados o sentimento de delícia em relação à existência, a saber, no *sonho* e na *embriaguez*. A bela aparência do mundo onírico, no qual cada homem é um artista pleno, é o pai de toda arte plástica e, como iremos ver, também de uma metade importante da poesia. Gozamos no entendimento imediato da *figura*, todas as formas nos falam; nada há de diferente e desnecessário (NIETZSCHE, 2005, p. 5).

A configuração da civilização grega goza de uma plenitude inquietante, cuja tragédia maior é o seu desmoronamento e o desmoronamento daquilo que paulatinamente vai se constituindo na civilização ocidental. Este desmoronamento, por exemplo, é visto como a história de um erro, conforme podemos ver em *Crepúsculo dos ídolos*, no capítulo IV, que traz como título “Como o ‘mundo verdadeiro’ se tornou finalmente fábula” (NIETZSCHE, 2006, pp. 31-32.). Em pouquíssimas linhas, com uma força tremenda, o filósofo traça o que podemos chamar de o destino do ocidente a partir da decadência da grecidade. Após, segundo Nietzsche, o rubor de Platão, o mundo verdadeiro foi abolido e, com ele, o mundo das aparências. Começa, então, o apogeu da humanidade. “*Incipt Zaratustra*”.

III

Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém. O subtítulo nos assusta. Como assim: para todos e para ninguém? Começamos a compreender que o livro não é para qualquer um. Está aí para todos aqueles que possam acolher o que por ele é trazido à tona desde os subterrâneos dos desdobramentos de nossa história. Está aí para todos aqueles que, tal como Zaratustra, desejem empreender uma jornada de descida, de ocaso, ao fundo de tudo o que é e há, de maneira a perscrutar desde onde somos o que somos e como, a partir daí, pode-se antever uma transmutação do espírito em nossa civilização.

Não à toa, Nietzsche é tomado como o filósofo da suspeita. Ele atravessa, com seu olhar agudo e com seus ouvidos sintonizados, os desvãos de nossa civilização, suas configurações e deformações, a decadência do humano, vislumbrando uma transformação radical a partir da qual possa nascer o super-homem, aquele que pode se apropriar do sentido da Terra.

O super-homem é o resultado do homem em transformação, do homem a caminho em seu processo de transfiguração, em que a perspectiva que o toma como animal racional vai sendo alterada em nome de outro sentido que se abre cada vez mais com a “morte de Deus”, a saber: o sentido da Terra.

IV

Em *A gaia ciência*, parágrafo 125, Nietzsche escreve:

O homem Louco. – Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós os matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós os matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará esse sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!” Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles

ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e no entanto eles cometeram! – Conta-se também no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu Réquiem *aeternaum deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: “O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?” (NIETZSCHE, 2007, pp. 147-148).

Duas passagens aí, nesse momento, chamam a nossa atenção: 1) “A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós?” Esta pergunta é terrível, pois ela pressupõe que toda a realidade até então vivida há de se desmoronar com a morte de Deus. Tudo aquilo que a sustentava se esvai e já se sente a necessidade de uma transmutação desde um outro sentido que também aí já se abre, muito embora, tal como a morte de Deus, não está ao alcance de todos. 2) “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens”. Perceber este acontecimento só é possível se se consegue entrar na dinâmica de seu desdobramento, a saber, com uma ausculta atenta e minuciosa, no tempo certo, lançar-se em seu dar-se. Para isso, no entanto, é necessária uma coragem que somente o tresloucado tem, aquele que, de há muito, abandonou a compreensão do homem como animal racional, lançando-se para o que há de vir, desde um outro logos, desde um outro sentido que aí se dispõe.

Em todos esses lances, está em jogo a vida e a morte, a construção e a destruição. Tudo exige esforço e disposição para uma transmutação da realidade. Esse esforço, por sua vez, esforça-se por ir ao fundo, às origens de como a realidade se desdobrou e de como foi possível tamanha decadência gerar o que Nietzsche vai denominar de Nihilismo, o esvaziamento de todos os valores supremos.

V

Ao lermos *A genealogia da moral*, observamos essa ida ao fundo, uma aventura que persegue o fundamento de toda moral. Somente a partir daí, abre-se a possibilidade

COSTA, Affonso Henrique Vieira da
Notas introdutórias para a compreensão de “A morte voluntária”, de F. Nietzsche

de compreensão daquilo em que nós nos tornamos, daquilo que nós mesmos somos. Por isso mesmo, em abrindo o “Prólogo”, o filósofo escreve:

Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver teu tesouro, estará também teu coração” (NIETZSCHE, 2005, p.7).

O nosso tesouro encontra-se ao fim de uma genealogia da moral, de onde firmaram os valores de Bom e de Mau, de Bom e de Ruim, de como pôde surgir a culpa, a má-consciência e também desde que lugar foram possíveis os chamados ideais ascéticos.

Trata-se de uma reviravolta em tudo o que até aqui era tomado como ideal civilizatório. A crítica de Nietzsche compreende que os valores que se impuseram até então com a decadência da civilização foram tomados como “valores em si” e, com essa sua fixação e sistematização, houve uma negação da própria vida. Ainda no “Prólogo”, criticando duramente Schopenhauer, o filósofo diz:

Tratava-se, em especial, do valor do “não-egoísmo”, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, que precisamente Schopenhauer havia dourado, divinizado, idealizado, por tão longo tempo que afinal eles lhe ficaram como “valores em si”, com base nos quais ele disse *não* à vida e a si mesmo (NIETZSCHE, 2005, p.11).

Importante destacar que esse “não”, que segue em itálico no texto, evoca um espírito afirmativo, pleno de saúde, que se dispõe de outra perspectiva, a partir da qual os valores emergem como o próprio ser da realidade, não mais como “valores em si”, mas como o que emerge da própria vida enquanto Vontade de Poder. Aí, pôde ainda dizer:

Precisamente nisso enxerguei o *grande* perigo para a humanidade, sua mais sublime sedução e tentação – a quê? ao nada? –; precisamente nisso enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, a vontade que se volta *contra* a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos, como mais inquietante sintoma dessa inquietante cultura europeia (NIETZSCHE, 2005, p.11).

A moral da compaixão surge, segundo Nietzsche, da plebe, em sentido contrário à moral do nobre. A moral do nobre nasce de uma afirmação da vida, de um dizer sim ao risco, ao perigo, em meio a toda possibilidade de perder-se na aventura da vida.

COSTA, Affonso Henrique Vieira da
Notas introdutórias para a compreensão de “A morte voluntária”, de F. Nietzsche

Afinal de contas, o que é a vida senão esse constante aventurar-se? Caberia muito bem ao nobre o lema da escola de Sagres, que diz “Navegar é preciso, viver não é preciso”, para muitos criado por Tales de Mileto. Essa coragem, essa força do lançar-se no imprevisto, em mares nunca antes navegados, é o que o nobre traz consigo. É esse modo de viver, de entregar-se assim a tudo o que faz, que faz dele o que ele é. Ele é plenamente o que faz. Não há aí uma separação de um “eu” pré-determinado que posteriormente se lançasse na ação. Não há nenhum substrato por trás do fazer, da ação. A ação do nobre é tão livre quanto o seu despojamento. Ele encontra-se, sente-se e afirma-se num estar lançado no seio da vida, junto com tudo o que há e é. Aí tece ele o seu mundo, o mundo conforme a sua força afirmativa de criação. Diz-nos Nietzsche em *A genealogia da moral*, primeira dissertação, parágrafo 13:

Pois assim como o povo *distingue o corisco do clarão*, tomando este como *ação*, operação de um sujeito de nome corisco, do mesmo modo a moral do povo discrimina entre a força e as expressões da força, como se por trás do forte houvesse um substrato indiferente que *fosse livre* para expressar ou não a força. Mas não existe um tal substrato; não existe “ser” por trás do fazer, do atuar do devir; “o agente” é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo (NIETZSCHE, 2005, p..36).

Vê-se, com isso, a perspectiva do nobre, o lugar desde onde fala a sua nobreza, isto é, a sua força de realização, que permite um bom combate afirmando-se plenamente no seio da vida. É essa força que o plebeu ou escravo teme. Ele a teme por não tê-la, por não dispor-se a conquistá-la. E porque não se dispõe, vinga-se de seu não poder, querendo exigir do forte que não use de sua força, que não procure dominar e nem subjugar.

Exigir da força que *não* se expresse como força, que *não* seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força (NIETZSCHE, 2005, p.36).

A origem do Bom encontra-se na ação do nobre, que vê, no diferente de si, o Mau. Já o escravo ou plebeu promove uma inversão terrível que abala toda a história posterior. Por vingança sobre aquilo que não pode, determina-o como o Ruim, o que leva à ruína. Já o seu fazer, que bem antes se pretende assegurado em algum substrato fora da própria vida (por exemplo, em um além-mundo), é o que se torna o Bom. Essa

COSTA, Affonso Henrique Vieira da
Notas introdutórias para a compreensão de “A morte voluntária”, de F. Nietzsche

virada histórica, que se revela com mais precisão no advento do cristianismo e dos ideais ascéticos, promove a multiplicação do que Nietzsche vai chamar de “homem manso”, o “incuravelmente medíocre e insosso” e que já aprendeu “a se perceber como apogeu e meta” (NIETZSCHE, 2005, p.34).

Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e *este* Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação (NIETZSCHE, 2005, p.29).

VI

Onde, então, nos encontramos? Juntos com o destino da Europa, perdidos no seio da morte de Deus e diante da desvalorização dos valores supremos. É quando o mais estranho dos hóspedes bate à nossa porta – o Niilismo.

E precisamente nisso está o destino fatal da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não isto?... Estamos *cansados* do homem (NIETZSCHE, 2005, p.35).

VII

Chegamos agora no *Zarathustra*, banhados pela luz do sol do meio-dia, desse sol que permite antever uma possibilidade de transformação do humano.

Experimentar o *Zarathustra* é deixar-se ser tomado pela sua linguagem, pelo seu dizer em meio ao ocaso do Ocidente. Experimentar o ocaso, a queda, abrindo-se ao tempo da vontade, ao seu eterno retorno, onde se joga plenamente o jogo de vida e de morte, em que todos os dados estão lançados. Este lance de dados nós já o encontramos no “Prólogo”, quando *Zarathustra* afirma que

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo.

É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar.
O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se, no homem, é ser uma *transição* e um *ocaso* (NIETZSCHE, 2006, p.38).

O homem é uma transição e um ocaso. É passagem. É simplesmente percurso, viagem. Viagem é experiência. É na ação que ele já se vê jogado em meio ao risco de perder-se. É essa transposição que o homem precisa fazer, lançando-se na experiência a partir da qual uma transmutação poderá ser realizada. Por ser experiência, ela só se dá no abismo, no perigo do não ser, no mais alto risco, que é o de permitir-se perder um mundo e ganhar outro, passando para outro lado.

VIII

Essa experiência de perda e passagem já aparece no primeiro texto de *Zarathustra*, a saber: “Das três metamorfoses” (NIETZSCHE, 2006, pp.51-53.). Aí se trata de três formas do espírito: do Camelo, do Leão e da Criança. Trata-se aí de pensar as transformações que são operadas no Camelo e que dão origem ao Leão; no Leão e que dão origem à Criança. Transformações que são (ou que podem) ser operadas no homem singular, como também no seio, no conjunto da civilização. Cada figura dessas possui a sua hora, o seu tempo certo de ser. A transformação se dá quando há uma saturação em cada figura e uma necessidade interior que promove a mudança. Assim, Nietzsche pensa toda a história e, com ela, a superação do Niilismo na figura da criança, a partir da superação da subjetividade cartesiana representada pelo espírito do Leão.

Perder um mundo para ganhar um outro, ser uma roda que gira desde si mesma, possuir a leveza de ser e também de deixar ser, viver do elemento da criação desde sua possibilidade de não ser, da morte mesma, é o que se dispõe ao pensamento que pensa desde o Niilismo. Não é à toa que Nietzsche se auto-intitula o maior de todos os niilistas, pois foi por ele atravessado por tudo quanto é lado.

Chegamos, então, ao texto escolhido para começarmos uma meditação. Trata-se do texto contido na primeira parte do *Zarathustra* e que se chama “Da morte voluntária”. Como esse texto se inicia? Nietzsche nos fala pela boca de Zarathustra: “Muitos morrem

COSTA, Affonso Henrique Vieira da
Notas introdutórias para a compreensão de “A morte voluntária”, de F. Nietzsche

demasiado tarde e alguns, demasiado cedo. Ainda soa estranha a doutrina: ‘Morre a tempo!’” (NIETZSCHE, 2006, p.98).

É preciso que chamemos a atenção para o fato de que anteriormente falamos na hora certa da transformação que pode ser operada no texto “Das três metamorfoses”. Essa hora certa, esse tempo certo, é o tempo do amadurecimento, é a hora madura, nem cedo demais e nem tarde demais, nem muito verde e nem muito maduro, tal qual o fruto que colhemos do pé. Diz-se no interior que é quando o fruto está de vez. Pode ser colhido.

IX

A “morte voluntária” exige um trabalho, um cultivo, uma espera. Ela prepara-se para a despedida, para o salto, para o salto que lança o homem dentro da própria vida, lugar em que sempre já estamos, mas que dele sempre se quis afastar na tentativa de alcance de um além-mundo. A morte, por isso, é uma festa, é uma libertação, é um morrer para... o sentido da Terra, desta mesma Terra que experimenta a morte de Deus. Essa morte espreita a terribilidade da solidão de ter que fazer um mundo, de ter que construir a vida em meio à possibilidade da morte. O tempo da vontade é aquele que, em nossa época histórica, exige a morte voluntária, e, com ela, a presença do homem transfigurado, o super-homem.

A morte, neste sentido, possui uma transitividade, ou seja, ela transfigura, colocando o humano em seu devido lugar, junto à Terra. A Terra, agora, aparece como o sagrado, como o elemento que eu não posso blasfemar. “Que a vossa morte não seja uma blasfêmia contra o homem e a Terra” (NIETZSCHE, 2006, p.100). A morte, por isso mesmo, é algo grandioso, com o qual o homem precisa lidar, não fugindo dela, mas a encarando, trazendo-a junto a si, mesmo com o maior dos medos, como a possibilidade de sua transformação. É preciso, para isso, que cada um queira morrer para que, com a sua morte, renasça transfigurado. Por isso, o filósofo afirma, por fim, que “Assim quero eu mesmo morrer, para que, meus amigos, por amor meu, ameis mais a terra; e à terra quero voltar, para ter paz *naquela* que me gerou” (NIETZSCHE, 2006, p.100).

Referências bibliográficas

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *A visão dionisíaca do mundo*. Tradução de Marcos Sinésio pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VATTIMO, Gianni. *A filosofia de Nietzsche*. Tradução de António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1990.